

Mais de 87% dos profissionais foram infectados na onda da Ômicron, diz estudo. Afastamentos viram gargalo, que eleva pressão nas equipes

Médicos contaminados em massa e sobrecarregados

NATÁLIA WERNICK e ISABELLA BERNARDINI*

Diferença de comportamento do vírus entre vacinados e não vacinados, elevado índice de profissionais infectados e esgotamento dos profissionais de saúde estão entre as principais percepções dos médicos brasileiros na nova fase da pandemia de COVID-19, provocada pela circulação da Ômicron e marcada por um número de casos sem precedentes. É o que aponta um estudo realizado pelas associações Médica Brasileira (AMB) e Paulista de Medicina (APM). Destaque também para uma ampla reprovação da gestão da crise sanitária pelo Ministério da Saúde.

Divulgada ontem, a pesquisa ouviu 3.517 profissionais entre 21 e 31 de janeiro. 52,5% dos quais estão na linha de frente de combate à COVID-19. Quase a totalidade dos entrevistados (96,1%) percebe uma tendência de alta em algum grau no número de casos, enquanto 59,6% apontam que não aconteceu o mesmo com o número de mortes na atual fase da pandemia. E os próprios médicos não escaparam da contaminação: 87,3% relataram que eles próprios ou colegas que atuam no mesmo ambiente de trabalho contrairam a doença nos últimos dois meses.

Esse alto índice de profissionais contaminados mina a força de trabalho, vira gargalo pesa na saúde física e mental dos médicos. Embora 81,4% tenham indicado que a ocupação nas unidades de terapia intensiva (UTIs) nos hospitais em que atendem está menor do que nos momentos mais críticos de 2021 e 2022, 5% tenham apontado superlotação, com comprometimento da assistência, os profissionais enfrentam gargalos no novo cenário da pandemia. A principal reclamação feita por 44,8% dos entrevistados, se refere à falta de médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde. Em comparação

com o mesmo estudo feito em fevereiro de 2021, esse número subiu 12,3 pontos percentuais.

Em uma questão de múltipla escolha sobre sintomas entre médicos nos locais onde trabalham, 64,2% disseram haver sensação de sobrecarga, 62,4% estresse, e 56,8% indicaram ansiedade. Outros 56,2% apontaram exaustão física e emocional, 39,2% disseram ter distúrbios de sono, 30,5% identificaram dificuldade de concentração, e 29,3% também perceberam mudanças bruscas de humor.

"Quando analisamos a pesquisa no item que diz sobre o que está faltando, houve uma mudança considerável do início da pandemia para o momento atual. Começamos a suprir a falta de equipamento de proteção individual, resolvemos problemas de diagnóstico, mas agora estamos vendo se concretizar um temor que tínhamos no início, que era a falta de profissionais da saúde", analisa o presidente da APM, José Luiz Gomes do Amaral.

Como a capacidade de contaminação da variante Ômicron é maior do que das anteriores, "os profissionais agora estão acometidos com uma frequência muito grande da própria COVID-19. Os médicos estão se contaminando seja no ambiente de trabalho, seja fora dele. Portanto, temos um grande número de colegas que são forçados a se ausentar temporariamente do trabalho", observa.

Além desse grande número de afastamentos, há fatores relacionados à própria dinâmica da pandemia e seus impactos sobre a sociedade que também afetam o profissional de saúde. "Estão todos exaustos. A sociedade está exausta e como não poderia deixar de ser, somos integrantes da sociedade e igualmente afetados. Talvez, até com o agravante do cansaço pelo excesso de trabalho, por repetir esses mesmos problemas, uma sensação de exaustão, que esse assunto não se resolve. Isso nos leva ao esgotamento", apontou Amaral. Para ele, es-

se cansaço resulta em outros problemas de saúde apontados pela pesquisa, como ansiedade, distúrbios de sono, depressão etc.

APREENSÃO CRESCENTE A médica Natália de Paula Santos Vecchio atua na linha de frente da pandemia, nas especialidades de clínica médica e nefrologia do Hospital da Baleia, em Belo Horizonte. Em quase dois anos de pandemia, ela não tinha sido infectada pela COVID-19, mas a realidade mudou com a chegada da Ômicron. "No início de janeiro, com esse novo aumento de casos, começamos a ficar mais preocupados. Eu mesma não tinha pego COVID-19 até aquele momento. Infelizmente, acabei me contaminando e fiquei ainda mais apreensiva porque meu esposo é do grupo de risco e não trabalha na área da saúde", conta Natália.



Estamos vendo nossos colegas ficando cada vez mais sobrecarregados. A sorte é que os médicos que conheço estão com sintomas leves"

* Natália de Paula Santos Vecchio, médica do Hospital da Baleia, em BH

Apesar da exaustão, ela tenta manter as esperanças de que o cenário vai melhorar. "Por mais que estejamos lidando com pacientes oncológicos no hospital, não perdemos nenhum deles para a COVID-19. Eles estão apresentando sintomas mais leves, justamente porque tomaram a vacina", conta. "Então, a esperança maior agora está com a vacinação, principalmente, das crianças, pois elas poderiam ser potenciais transmissoras até para a gente. A imunização delas nos deixa com mais confiança de que os casos diminuem".

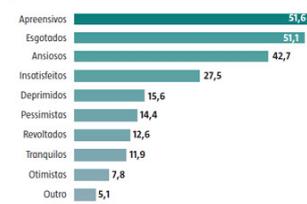
Emocionalmente desgastada, Natália diz que o cansaço dos profissionais já é extremo. "É a escalada de casos nos provoca o medo de não dar conta. Estamos esgotados, à beira da síndrome de burnout. A sobrecarga é grande, pois não atendemos só COVID-19, mas outras doenças também. A síndrome de burnout é desencadeada pelo excesso de trabalho e causa esgotamento, tensão e estresse crônicos.

* Estagiária sob supervisão do subeditor Eduardo Oliveira

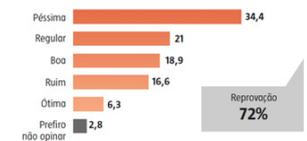
PERCEÇÃO DOS MÉDICOS

Sobre o atual momento da pandemia de COVID-19 (em %)

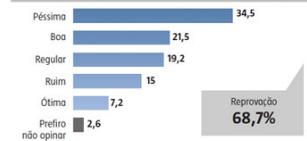
Como o aumento de casos decorrente da variante Ômicron, como caracterizaria o clima de seu ambiente de trabalho? Os colegas e colaboradores encontram-se: (múltipla escolha)



Como avalia a atuação da atual gestão do Ministério da Saúde em meio a esta crise?



Como avalia a atuação da atual gestão do Ministério da Saúde na orientação à população sobre a importância da vacinação?



Fonte: ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA E ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

"Começamos a suprir a falta de equipamento de proteção individual, resolvemos problemas de diagnóstico, mas agora estamos vendo se concretizar um temor que tínhamos no início, que era a falta de profissionais da saúde"

■ José Luiz Gomes do Amaral, presidente da APM



Ambulância chega à Santa Casa de BH: escalada da COVID-19 pressiona a saúde, com alto índice de casos entre os próprios médicos

"Acho que o ministério não pode fazer um discurso dúbio, adotando o mérito do êxito na vacinação, ao mesmo tempo em que coloca dúvidas sobre a segurança da vacina"

■ César Eduardo Fernandes, presidente da AMB

Gestão do ministério é reprovada

A gestão da pandemia pelo Ministério da Saúde é reprovada por 72% dos médicos (veja quadro), enquanto as atuações das secretarias de estado e municipais da área são consideradas boas ou ótimas, respectivamente, por 52,6% e 54,3% deles. Para 75,3% dos profissionais, a medida aplicada mais inapropriadamente pela pasta federal é o programa de vacinação, embora 68,7% avaliem como pessimista, ruim ou regular a orientação dada pelo órgão à população sobre a importância de se imunizar, enquanto 21,5% dis-

seram que foi boa e 7,2% como ótima. Os profissionais de saúde revelaram ainda que a pasta não é sua referência principal diante da pandemia. Os dados integram pesquisa das associações Médica Brasileira (AMB) e Paulista de Medicina (APM) e, na avaliação do presidente da entidade nacional, César Eduardo Fernandes, retratam a própria ambiguidade da pasta diante da crise sanitária.

"Acho que o ministério não pode fazer um discurso dúbio, adotando o mérito do êxito na vacinação, ao mesmo tempo

em que coloca dúvidas sobre a segurança da vacina", criticou. Ele exemplifica: "A vacinação infantil foi postergada através de uma consulta pública, quando a Anvisa já havia aprovado a vacina da Pfizer e logo em seguida a Coronavac para aplicar em crianças de 5 a 11 anos. Depois, vimos o próprio ministro, que colocou todas as barreiras de dificuldade, comemorando a chegada das vacinas para as crianças. Parece-me uma dúbiedade". Apesar dessa "dúbiedade" do ministério na orientação so-

bre os imunizantes, 74% dos médicos consideram a adesão à vacinação como medida observada adequadamente pela população. Os percentuais foram menores para outras medidas, como a de evitar aglomerações e higienizar as mãos (40%) ou usar corretamente as máscaras (30,7%).

Ainda segundo o levantamento, a maioria dos médicos (81,6%) disse que seus pacientes tomaram as duas doses da vacina contra COVID-19 e muitos até o reforço. O principal ponto levantado em relação à

interferência na adesão à vacinação, como disseram 85% dos profissionais, está na circulação das fake news e informações sensacionalistas ou sem comprovação técnica.

A condução de outras medidas para contenção da pandemia foi considerada adequada por percentuais bem menores dos entrevistados. O maior foi o incentivo à higienização (41,4%), seguido de incentivo ao uso correto da máscara (39,5%); incentivo ao distanciamento (30,5%); orientação para evitar aglomeração (28,1%); e isolamento de

suspeitos (24,1%). Para apenas 21,7%, a realização de testes foi feita corretamente.

REFERÊNCIA Os profissionais de saúde revelaram ainda que a pasta não é sua referência principal diante da pandemia. O percentual de médicos que utiliza as orientações do Ministério da Saúde com referência para o tratamento de COVID-19 é de apenas 14,6%. A maioria (65,1%) prefere recorrer às referências das sociedades de especialidades e associações médicas para dar assistência aos pacientes. (NW)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Covid-19 **Página:** 5